

INTRODUÇÃO: Por que alfabetização ecológica?

Profa Dra Rosângela Corrêa*¹

Faculdade de Educação-UnB

No Brasil, o processo avançado de destruição dos recursos naturais, a poluição alimentar pelo uso indevido de agrotóxicos, a poluição do ar e das águas, o desaparecimento das populações autóctones e tradicionais, a defasagem científica e tecnológica, a política industrial ambientalmente inadequada e a alta concentração de renda, comprometem a busca do equilíbrio entre a melhoria da qualidade de vida e a preservação do meio ambiente. Isto é um desafio para a formulação de propostas direcionadas ao desenvolvimento sustentável e à aplicação da Agenda 21.

A gravidade da problemática ambiental brasileira é, ainda, agravada pelo fato de se ter uma visão conceitual incompleta sobre a questão ambiental. De fato, se observa, que a maioria da população, independente do nível de escolarização e da região que habita, tem uma visão bastante naturalizada sobre a questão ambiental. Poucos são capazes de identificar a relação entre a necessidade de um meio ambiente equilibrado em seus aspectos naturais e sociais e a saúde pessoal e coletiva, por exemplo.

Há muito tempo, Cerrado tem sido menosprezado pela população brasileira, sendo considerado como uma região seca, desabitada, com vegetação rala e feia, pobre em espécies e sem aparente utilidade para a sociedade, como fonte de recursos naturais. O bioma passou a ser visto com outros olhos após a inauguração de Brasília em 1960, e principalmente, a partir da década de 70, após o esgotamento das áreas tradicionais de agricultura no sul e sudeste do Brasil, aliados à descoberta da possibilidade do uso do solo do Cerrado para fins agrícolas mas os preconceitos aparentemente permanecem.

¹ Doutora em Antropologia, professora adjunta na Área de Educação Ambiental e Ecologia Humana na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. e.mail: roscorrea@unb.br

A biodiversidade do Cerrado é pouco conhecida e valorizada por parte significativa dos professores e pelas escolas de um modo geral, e isto, deve refletir na desvalorização do bioma pelos estudantes. As razões principais apontadas pelos professores são ligadas à lacunas na própria formação dos docentes e à abordagem dada pela mídia. Além disso, a variedade de problemas enfrentados pelas comunidades, especialmente as mais carentes e que devem ser contempladas pelas escolas, faz com que Cerrado sejam deixados para um segundo plano de importância, dentre as metas da escola.

Uma constatação importante é a de que a Floresta Amazônica é o bioma brasileiro mais citado nos livros didáticos de geografia e ciências, e é especialmente relacionada às questões ambientais como desmatamento, poluição, queimadas, caça predatória e preservação da biodiversidade. Por sua vez, o Cerrado quase nunca está relacionado a tais temas nem a outros que transmitem afeição e preocupação com a natureza. Normalmente é um bioma ligado às questões climáticas e às atividades agropecuárias, que são citadas freqüentemente com um enfoque meramente econômico, e até positivo, sem que nenhum impacto seja relacionado. Contudo, em relação às atividades agropecuárias no Cerrado, vale lembrar que, como observa Medeiros (1998), apesar da modernização da agricultura, em especial da cultura da soja, ter contribuído para a elevação do PIB agrícola, também contribuiu substancialmente para a deteriorização do meio ambiente, ocasionando perda da biodiversidade, erosão e compactação dos solos e contaminação do ambiente por agrotóxicos.

Além disso, o rápido progresso econômico da região ocasionou fortes implicações sociais, não garantindo a distribuição eqüitativa dos resultados do crescimento nem o abastecimento de alimentos no Brasil, acentuando o êxodo rural para as cidades (Duarte 1998). Não se trata de questionar a importância da Amazônia no contexto sócio-ambiental brasileiro, e praticamente desconsiderar o Cerrado como ambiente de marcante beleza cênica e riquezas naturais.

Alguns professores acreditam que seus estudantes conhecem muito pouco sobre Cerrado e sobre a região e a cidade onde vivem. Segundo eles, muitos estudantes urbanos não crêem na existência de matas nativas e animais silvestres no Distrito Federal. A mídia também parece influenciar o grau de conhecimento e percepção dos estudantes sobre Cerrado mas a falta de interesse dos estudantes está relacionada com o modo pelo qual o tema é tratado pela escola.

Uma das questões que nos chamou atenção é que muitos conceitos como biodiversidade, ecossistema, natureza, são colocados para memorização com definições alheias as realidades locais; estes conceitos são veiculados em livros didáticos nos conteúdos ensinados, principalmente nas aulas de Ciências, Geografia ou Biologia, na mídia, na literatura e desenhos infanto-juvenis, entre outros, de uma forma simplificada, e crianças e jovens os internalizam, sem perceber que a natureza é resultado da história dos próprios seres humanos, já que estes se relacionam com a natureza ou a conhecem de uma maneira abstrata e genérica, de acordo com as necessidades impostas pelo relacionamento que mantêm entre si.

Realizamos uma pesquisa com 480 professores da rede pública e privada do DF e quando foram analisadas as impressões manifestadas a respeito do Cerrado, nota-se uma ampla variação de conceitos e percepções. Tanto homens como mulheres, destacaram Cerrado pela sua biodiversidade; alguns manifestaram de modo afetivo e preocupados com a conservação do bioma, mas a maioria restringe-se a comentar o assunto como mais um conteúdo formal de ensino. Alguns ainda se referem ao Cerrado com uma visão claramente econômica e utilitária (Terra improdutiva e Celeiro do país), considerando-o um ambiente “pouco explorado” e “subutilizado”. Essas impressões devem certamente refletir nas opiniões de seus estudantes e no maior ou menor interesse sobre Cerrado.

Muitos desses problemas estão ligados à conservação e ao uso sustentável do Cerrado, porém a maioria dos professores não vê conexão desses problemas

com o desenvolvimento de um tema como Cerrado e, por isso, termina por dar prioridade a outros temas, considerados mais urgentes, relegando Cerrado a um segundo plano.

Uma parte das escolas do Distrito Federal afirmaram ter aplicado os Parâmetros Curriculares Nacionais, através do tema meio ambiente mas nenhum professor destacou o Cerrado como o conteúdo dado na sua disciplina, somente um comentou sobre as espécies que aí se encontram, sem entrar na questão da degradação. Considero que uma limitante importante é a qualidade dos livros didáticos, especialmente sobre este bioma. Em geral, os professores apresentam uma preocupação sobre a coleta seletiva do lixo ou fazer uma horta na escola, sem que sequer mencionem qualquer informação sobre a fauna, flora e solo do Cerrado; alguns destacam o meio ambiente como uma coisa geral e abstrata, o que faz com que os estudantes não consigam identificar este bioma. Naquelas escolas em que se discute sobre o meio ambiente é através de um projeto pedagógico mas quase sempre sem o envolvimento da comunidade local.

A maioria dos professores (72,9%) considera que existem limitações para o desenvolvimento de temas como Cerrado e educação ambiental na escola. Esta proporção foi maior entre professores de escolas públicas (83,3%) do que entre os professores de escolas particulares (62,5%). A falta de material educativo sobre os assuntos, a falta de verbas e de tempo foram os fatores limitantes mais assinalados.

Bizerril afirma que o Cerrado não é um tema tratado de modo transversal no ensino fundamental porque é discutido, na maioria das escolas, quase que exclusivamente em duas séries (5ª e 6ª) e por duas disciplinas (geografia e ciências). É um tema que parece ser tratado, na maioria dos casos, de modo descritivo pois pouco é analisado em relação aos impactos negativos causados por determinadas ações antrópicas, como também em relação à diversidade biológica e cultural do bioma. Escolas públicas e particulares não apresentam diferenças marcantes em relação ao tratamento ao tema Cerrado. Entretanto,

pode ser destacada a reduzida utilização de equipamentos eletrônicos e a falta de verbas e transporte para aulas de campo, no caso das escolas públicas.

Muitas informações preconceituosas, e outras literalmente equivocadas, em relação ao Cerrado foram observadas nos livros analisados. Especialmente ao se referirem às atividades agropecuárias na região do Cerrado, os autores tendem a destacar apenas a produtividade, e os aspectos positivos relacionados ao desenvolvimento econômico da região. Pouco é descrito nos livros didáticos sobre o impacto negativo das atividades agropecuárias no Cerrado e das políticas de desenvolvimento da região, como perda da biodiversidade, empobrecimento e compactação dos solos, poluição pelo uso de agrotóxicos e o êxodo rural.

Daí que é urgente que o tratamento dado ao Cerrado nos livros didáticos, especialmente os de Geografia e Ciência, sejam modificados para não só chamar a atenção sobre a necessidade de associar a conservação do Cerrado com os principais problemas e interesses comunitários, mas também buscar a sensibilização de professores, estudantes, funcionários, direção e pais/mães para a sustentabilidade do bioma e da nossa existência no nosso planeta Terra. Que a região central do Brasil seja inicialmente apresentada aos estudantes pela ótica do ambiente natural – Cerrado - com descrições adequadas a sua riqueza e beleza de suas paisagens, flora e fauna, assim como, em relação os povos que aqui habitam, valorizando sua importância na região, ao invés de ser simplesmente apresentada como a região geopolítica do Centro-Oeste, pela ótica das atividades econômicas desenvolvidas.

Os livros didáticos não se apresentam adequados como fonte inspiradora de práticas educativas sobre Cerrado. Isto porque são essencialmente informativos, e poucos contribuem para a formação de atitudes positivas em relação ao Cerrado. Além disso, muitos trazem informações equivocadas e até preconceituosas a respeito do Cerrado, o que pode refletir na percepção dos estudantes sobre este tipo de vegetação. A má qualidade de materiais educativos

é relatada na literatura para os livros didáticos de ciências, mas também pode ser observada nos textos de educação ambiental.

Analisando guias e livros didáticos de educação ambiental na Espanha, Del Álamo et al (1999) perceberam que a maioria é essencialmente informativa, privilegiando a aquisição de conhecimentos em detrimento das habilidades, comportamentos, atitudes e valores, fato também constatado por Trajber & Manzochi (1996) em estudo semelhante no Brasil.

Em relação à diversidade biológica, notou-se que a flora do Cerrado, como a brasileira de modo geral, é praticamente ignorada, enquanto a flora domesticada é dominante nos livros didáticos. Nenhuma espécie vegetal brasileira, muito menos nativa do Cerrado, é apresentada, considerando-se as possibilidades de seu uso econômico, aspectos bastante explorado nas pesquisas atuais sobre Cerrado (Almeida 1998).

Em relação aos animais, a fauna exótica, especialmente a africana, recebe especial destaque. Apesar de várias ilustrações contemplarem a fauna brasileira, poucas informações adicionais são dadas sobre os animais do Brasil, e praticamente nenhuma relação é estabelecida entre os animais e Cerrado. Este fato contribui para o desconhecimento generalizado da população brasileira sobre a fauna nativa e pode refletir sobre o interesse dos estudantes a respeito do Cerrado (Bizerril & Andrade 1999).

Outras ilustrações tratam de temas ambientais que também podem ser relacionadas ao Cerrado, como hidrelétricas, a questão indígena, morte de animais silvestres e o êxodo rural. Apesar dos livros não fazerem referências e nem relacionarem estas ilustrações ao Cerrado, é possível fazer conexões em sala de aula desde que o(a) professor(a) tenha domínio sobre o assunto a fim de identificar quando e como poderá realizar estas ligações. Sem competência para abordar o tema, o(a) professor(a) pode possivelmente perder essas oportunidades.

Curiosamente, com todos os aspectos desfavoráveis dos livros didáticos em relação ao Cerrado, há pouco uso de livros paradidáticos pelos professores. Isto talvez ocorra porque livros desta natureza são pouco freqüentes no mercado, apesar de alguns estarem disponíveis especialmente no DF, como é o caso das publicações da Embrapa, e alguns documentos produzidos por ONGs como WWF e a Funatura. Entretanto, ocorre que estas publicações parecem ser pouco acessíveis aos professores e estudantes do ensino fundamental e médio, tanto pela circulação restrita como pela linguagem técnica dos textos. De fato, os professores indicaram a falta de material educativo sobre Cerrado como um entrave para o desenvolvimento do tema na escola.

Desde 2001 Bezerril destaca a necessidade de uma “revisão dos atuais livros didáticos em relação a sua abordagem sobre Cerrado assim como a produção de livros paradidáticos voltados para a conservação do Cerrado se fazem necessários para subsidiar a ação do professor: tanto como uma fonte de informações pouco divulgadas ao grande público, como para fomentar o debate acerca dos impactos causados pelos modelos de desenvolvimento estabelecidos na região, visando mudanças futuras e a formação de atitudes positivas em relação ao Cerrado” (2001:33).

Infelizmente continuamos a ter livros didáticos que revelam uma visão superficial sobre o Cerrado, por esta razão que resolvemos elaborar este dvd como uma proposta de alfabetização para os professores do Distrito Federal, inspirados no projeto denominado “A-B-CERRADO”, idealizado pelo Prof. Paulo Pereira da Secretaria de Educação do Distrito Federal desde a década de 90’s em Planaltina. Esta proposta propõe a alfabetização de crianças a partir de ferramentas de sua cotidianidade, ou seja, do seu contexto social, físico, cultural. As atividades de leitura, interpretação e escrita de textos se associam ao tema do Cerrado através de poesias, música, desenho, pintura, jogos. A partir do estudo de plantas e animais do Cerrado, forma-se o alfabeto como consta no dvd. Busca-se romper com o uso de palavras referentes a seres distantes da realidade do

educando como G de girafa, U de urso, Z de zebra que poderão ser vistos no Jardim Zoológico mas dificultará a apropriação do saber local.

Pereira propõe também a MATOMÁTICA que é a matemática do mato; através das plantas, cada planta é relacionada com a quantidade de folíolos de suas folhas, assim, de forma lúdica aprendem brincando as operações básicas dos números.

A proposta contempla a alfabetização não somente como a decodificação dos signos, mas sobretudo, a conscientização da preservação do planeta, a formação de cidadãos através da participação direta do estudante na sociedade, respeitando seus níveis de desenvolvimento, favorecendo sua integração com o grupo e sua interação social.

Mas para que os professores possam ensinar, eles deverão ter conhecimento sobre o Cerrado. As informações científicas produzidas nas universidades brasileiras são técnicas e de difícil compreensão para os leigos, com isso, procuramos oferecer neste dvd um leque de informações gerais, suficientes para a elaboração de um projeto de educação ambiental que envolva todos os atores da escola numa perspectiva transversal.

Partimos da idéia de que uma educação para os seres humanos deve ser através da natureza; ao invés da escola ensinar leis e conceitos sobre a natureza, deve aproximar-se do postulado da eco-formação, que sustenta o entendimento de que a natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de tratar a relação ser humano/natureza no cerne de um processo educativo: não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com a natureza.

A concepção de Educação Ambiental adotada por nós visa resgatar a articulação entre os aspectos pessoais, socioculturais e naturais que dão sustentação à vida no planeta, de forma a recuperar a compreensão de que a qualidade e sustentabilidade da vida incluem tanto a saúde das pessoas e grupos, quanto a do próprio ambiente onde vivemos. Por esta razão, partimos da premissa

que toda educação é ambiental, portanto, toda educação deve estimular a percepção sobre o espaço, natural e construído, do qual fazemos parte para torná-lo saudável. Pretendemos educar para uma vida sustentável, isto é, promover o entendimento de como os ecossistemas sustentam a vida e assim obter o conhecimento e o comprometimento necessários para construir comunidades humanas sustentáveis.

Se, por um lado, inserir a Educação Ambiental na escola não significa transformá-la numa disciplina de conteúdos formais a serem transmitidos mecânica e a-criticamente aos educandos, por outro lado é importante lembrarmos que a escola, para cumprir sua função social de acesso aos educandos aos conhecimentos historicamente produzidos, precisa garantir condições concretas – através de ações educativas instigantes e inovadoras – para que esses conhecimentos sejam por eles apropriados.

Nossa proposta de Educação Ambiental parte da perspectiva da Ecologia Humana onde acredita-se que todo conhecimento é simultaneamente auto-conhecimento. A subjetividade deve ser vivenciada como um processo em construção voltado para a autorização e alteração. No estado de autorização, o sujeito se assume como o autor do seu próprio processo de transformação. A alteração significa que o sujeito deve estar receptivo à ação do outro, seja ele humano ou não. Acredita-se, também, que o conhecimento deve ser abordado, tanto do ponto de vista vivencial como reflexivo, respeitando-se os ritmos individuais e grupais e sua ligação com o contexto onde se inserem. Portanto, proposta de Educação Ambiental deve ser uma construção coletiva.

O caráter eminentemente complexo e multirreferencial das questões socio-ambientais implica em que todos os indivíduos têm condições de lidar com a gestão do bem-estar coletivo sendo capazes de perceber as implicações dessa complexidade e atuar em suas áreas específicas como gestores das questões ambientais emergentes.

O Método da Educação Ambiental e Ecologia Humana é uma construção dinâmica que incorpora elementos de Pedagogia Vivencial e Simbólica e pesquisa-ação, traduzindo-os de forma particular para o contexto das ações de sensibilização e mobilização social e a construção de processos de criação coletiva, conforme o texto que apresentamos no centro da mandala no dvd.

Ao redor da mandala apresentamos textos e vídeos sobre a fauna, flora, águas, solo, fogo e os impactos da ação humana no Cerrado mas neste bioma existe gente: vazanteiros, geraizeiros, quilombolas, veredeiros, raizeiros, ciganos, quebradeiras de coco, extrativistas, comunidades ribeirinhas e povos indígenas como os Avá-canoeiros, Xavantes, Karajás, Xerentes, Tapuias, Javaé, Timbira, Kayapó, Bororo, Kraho, Xacriabá.

A questão dos direitos das populações tradicionais no Brasil ancora-se historicamente na visão ambientalista, mas evoluiu para abranger também duas outras dimensões cruciais: a dimensão cultural e a dimensão da inclusão social. Trata-se agora de uma inclusão social que beneficia a sociedade na medida em que conserva a diversidade cultural e mantém práticas que não agridem o ambiente. Assim, a recente definição de Povos e Comunidades Tradicionais do Decreto 6040 de 7 de Fevereiro de 2007 é: *“grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”*.

Alguns grupos possuem terra, outros não querem terra, mas querem a garantia de acesso a recursos importantes. As babaçueiras, por exemplo, não querem terra, mas livre acesso ao babaçu. Os ciganos querem pontos de água e eletricidade, CEP, professoras móveis e direito de acampar.

As populações tradicionais têm muitíssimo a contribuir para o uso sustentável e a conservação de recursos naturais. É o que reconheceu a Convenção da Diversidade Biológica (CDB) em 1992, um reconhecimento que se

generalizou desde então e hoje não é mais disputado. Foi-se o tempo da Revolução Verde, que pretendia apenas ensinar e se recusava a aprender com as populações locais. Com os olhos só na produtividade, reduziu drasticamente a diversidade agrícola. Pensando globalmente, desenvolveu monoculturas-padrão que, para se adaptarem a condições locais, necessitavam de insumos caros, não acessíveis às populações locais. Destruiu, em suma, sistemas agrícolas engenhosos desenvolvidos durante séculos e adaptados tanto ao ambiente específico quanto às condições de vida dos agricultores. A crítica à Revolução Verde já foi feita, mas resta agora saber ouvir o que as comunidades tradicionais têm a ensinar.

Os saberes-fazeres dos povos do Cerrado possuem uma relação direta, prática e emocional com a natureza. A diversidade biológica do Cerrado, ainda pouco estudado pelos cientistas, é mutuamente dependente da diversidade cultural local, o que constitui hoje um patrimônio biocultural do Brasil. Existe um Cerrado Profundo (parafraseando ao antropólogo mexicano Guillermo Bonfil) que precisa ser reconhecido e valorizado na e pela sociedade brasileira, caso contrário, esses povos continuarão na marginalidade, exploração, injustiça e na falta de reconhecimento dos seus direitos coletivos.

Existe uma íntima relação entre natureza e cultura. Como afirma Lima, natureza e cultura são formas de explicar e traduzir socialmente tanto o mundo natural como o mundo social. A primeira categoria - natureza - organiza e explica o outro radical do qual nos diferenciamos. A segunda categoria - cultura - organiza e explicam as nossas diferenças sociais. Tanto uma como outra são construções coletivas. É, portanto, como um produto do mundo social que analisaremos a construção da categoria de natureza. Partimos do conceito de natureza como uma invenção do social, diferenciando-a do mundo natural objetivo, com o qual não deve ser confundida. Tratar a natureza como categoria do social implica procurar os elementos sociais que lhe dão forma porque os mesmos valores que fundam a vida social permitem a cada sociedade ou cada grupo social organizar e explicar o

mundo natural. Nessa perspectiva, a natureza seria tanto uma coisa sobre a qual o indivíduo pensa, como uma coisa por meio da qual ele pensa (1988:49).

Salvar uma parte do patrimônio natural sem salvar as culturas locais que sustentam a preservação e a conservação do Cerrado significa reduzir o Cerrado a recursos naturais a serem explorados pelos interesses agrícolas comerciais e industriais. Do mesmo modo, que salvar as culturas locais sem deter a destruição do Cerrado é destruir a base e o sentido de existência material e espiritual desses povos.

Daí a importância de resgatar a eco-história do Cerrado que não é panacéia, mas uma forma de abordagem que pressupõe a compreensão abrangente da Mãe-Terra e dos filhos humanos, com seus resultados, alguns salutares, outros iníquos sociológica, econômica e ecologicamente. Como bem escreveu Bertran (1994): "De tudo isto tiramos uma certeza: não saber mais o que é Centro-Oeste ou Brasil, por exemplo. Mas saber o que é o Cerrado e seus filhos, a eco-história humana das savanas brasileiras".

O dvd também oferece mais informação nos tópicos dos glossário, biblioteca, músicas, vídeos, links assim como modelos de oficinas que poderão ser incluídas nos planos de aula que obedece o alfabeto de plantas e animais do Cerrado. A oficina é um espaço vivencial criado com base nos princípios de arte-educação, pedagogia Freire, e outras experiências, desenvolvendo a experiência lúdica, estética e comunicativa.

O cerrado possui uma rica sociobiodiversidade e uma eco-história que não são reconhecidas nem valorizadas quer pelas políticas de proteção ambiental, quer pelas próprias populações que nele habitam, especialmente urbanas. Com isso, neste dvd pretendemos contribuir na formação dos participantes de uma comunidade, quer seja professores, mães e pais das famílias locais, estudantes, lideranças locais, agentes ambientais, funcionários municipais, etc, para elevar o conhecimento sobre o Cerrado e valorizar a riqueza da sua sociobiodiversidade e/ou compartilhar informações sobre este ecossistema, revertendo a médio e curto

prazo os efeitos de devastação que podem ser detectados no presente a nível local, enquanto ainda podemos fazer alguma coisa pela nossa casa: o Cerrado.

A importância do Cerrado é fundamental para o Brasil, pois se encontra no coração do país com interfaces com a Amazônia, com a Caatinga, com a Mata Atlântica e com o Pantanal. O Cerrado não recebeu status de patrimônio nacional concedido para a Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal e Sistemas Costeiros na Constituição Brasileira. A carência de áreas de conservação na região evidencia-se pela comparação do esforço conservacionista governamental entre os ecossistemas amazônicos, que contavam em dezembro de 2010 com 2.197.485 quilômetros quadrados (km²) da Amazônia Legal localizadas em áreas protegidas, ou 43,9% da região. Desse total, as Unidades de Conservação correspondiam a 22,2% do território amazônico, enquanto as Terras Indígenas homologadas, declaradas e identificadas abrangiam 21,7% da mesma região. Enquanto que o Cerrado possui apenas 0,7% de seu território – incluídos os parques, florestas e reservas – e 0,2% de unidades de uso direto – florestas nacionais, áreas de proteção ambiental e reservas extrativistas, como áreas protegidas hoje. Esta discrepância estende-se ao tamanho das unidades de conservação: a maioria das unidades na Amazônia possui área superior a 100 mil hectares que no caso do Cerrado somente 10% das unidades possuem área acima de 50 mil hectares. Áreas Protegidas são instrumentos eficazes para resguardar a integridade dos ecossistemas, a biodiversidade e os serviços ambientais associados.

Desde 1990 a problemática no Cerrado aparece como preocupação sociológica, mas a forma de pensar o Cerrado não é consensual, mas caracterizada por uma disputa entre os que pensam como uma fronteira agrícola a ser ocupada e por aqueles que o pensam como um bioma-habitat a ser preservado. Essa dissensão não é resultado só do processo histórico de ocupação. Antes de tudo, as maneiras diferenciadas de pensar o Cerrado balizam-se nos paradigmas que alicerçam as formas de conceber o progresso técnico e a relação sociedade-natureza.

No paradigma clássico, que sustentaria a primeira forma de perceber os Cerrado, a relação entre ciência, sociedade e natureza, coloca a esta última como um objeto inanimado, a-histórico e passivo, enquanto que o objetivo da ciência seria dominar e controlar a natureza.

O novo paradigma fundamentaria uma forma de pensar o Cerrado não só como base do desenvolvimento, mas também como hábitat a ser preservado. Neste paradigma implica a superação da dicotomia sujeito-objeto na relação ciência-natureza.

Nas últimas décadas, a tensão entre as políticas de expansão da fronteira agrícola nacional, ancoradas em um forte aporte de pesquisa agropecuária, e o discurso de caráter ambientalista, crítico à visão desenvolvimentista, marca as discussões em torno do debate ambiental na região.

Pensar no Cerrado dentro de uma perspectiva da Ecologia Humana é pensar no presente de cada um de nós como uma construção da paz no mundo, entendendo a paz como a resolução dos conflitos socioambientais. Precisamos ir além de discursos e partirmos para a ação. Através deste dvd, temos a oportunidade de transmitir conhecimentos técnicos-científicos e humanos para serem aplicados no espaço da escola e multiplicados posteriormente no ambiente comunitário para que possamos construir um mundo mais fraterno, humano, solidário.

BIBLIOGRAFIA:

- Almeida, C.X. Cerrado: aproveitamento alimentar. Planaltina:Embrapa-CPAC, 1998.
- BERTRAN, Paulo. "História da terra e do homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador", Brasília: Solo, 1994.
- Bizerril, M.X.^a & T.C.S. Andrade. Knowledge of urban people about fauna: comparison between Brazilian and exotic animals. *Ciência & Cultura Journal of Brazilian Association for the Advancement of Science* 51(1):38-41, 1999.
- Bizerril, Marcelo. "O Cerrado e a Escola: Uma análise da educação ambiental no ensino fundamental do Distrito Federal", tese de doutorado em Ecologia, Departamento de Ecologia, Universidade de Brasília, 2001.
- CORREA, Rosângela A. "Caderno do Professor - Cerrado", Projeto Tom da Mata, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, Instituto Antônio Carlos Jobim, Furnas, 1999.
- Del Álamo, J.B.; Pérez, J.G. & Gómez, E.G. "Educación ambiental en parques urbanos y espacios verdes: análisis de una muestra de guías divulgativas y cuadernos didácticos. *Tópicos en Educación Ambiental* 1(1):59-72, 1999.
- Duarte, L.M.G. "Globalização, agricultura e meio ambiente: o paradoxo do desenvolvimento do Cerrado". In: Duarte, LMG & Braga, M.L.S. (orgs) *Tristes Cerrado: sociedade e biodiversidade*. Brasília: Ed. Paralelo 15, pp11-22, 1998.

- Krasilchik, M. "O professor e o currículo de ciências", São Paulo: Edusp, 1987.
- Medeiros, S.A.F. "Agricultura moderna e demandas ambientais: o caso da soja nCerrado. In: Duarte, L.M.G. & Braga, M.L.S. (org.). Tristes Cerrado: sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, pp.129-145, 1998.
- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOLOGIA HUMANA. "A ecologia Humana como fundamento do método vivencial na prática da Educação Gestão Ambiental, mimeo, Coletânea de Textos, FE-UnB, 1998.
- Trajber, R. & L.H. Manzochi. "Avaliando a educação ambiental no Brasil: materiais impresos. São Paulo: Gaia, 1996.